

Quando as pessoas são grandes...

... e Deus é pequeno

PESQUISANDO O TEXTO

1. As atitudes de Gideão em Juízes 6 podem nos fazer pensar que ele não era o melhor candidato para libertar o povo e que Deus deveria ter procurado alguém mais preparado. Quais foram essas atitudes? (cf. Jz 6.13,7-9,17-22,36-40)
2. A imagem que Gideão tinha de si era muito inferior àquela que o Anjo do Senhor revelou a ele. Quais eram essas imagens? (cf. Jz 6.12,14-15)
3. Qual foi a maior e melhor promessa que o Anjo do Senhor fez a Gideão? O que isso deveria gerar nele? (cf. Juízes 6.12,14,16)
4. Para fortalecer Gideão e trabalhar o seu caráter e fé, Deus ordenou que ele fizesse três coisas. Quais foram? (cf. Jz 6.25; 7.1-7,19-25; 8.10-12,21).

Quando somos precipitados

O voto de Jefté

O VOTO DE JEFTÉ

Simbólico ou literal

Há que se deixar claro que o problema de Jefté não foi a realização de um voto ao Senhor. Ao contrário, essa expressão de devoção parecia um costume comum entre os servos de Deus no passado, tendo sido praticado, inclusive, pelo patriarca Jacó (cf. Gn 28.20). A própria Lei mosaica regulamentava os votos a Deus (cf. Lv 7.16; 22.23; Nm 15.8; etc.). Também, não havia qualquer proibição quanto ao voto envolvendo a dedicação de pessoas ao Senhor (Lv 27.2).

O nazireado, por exemplo, era uma expressão dessa prática, pois o nazireu seria consagrado a Deus todos os dias de sua vida (cf. Nm 6.1-9). Embora regulamentados, votos de dedicação a Deus não eram necessários, pois se alguém se abstivesse de realizar algo semelhante, não pecava por isso nem era considerado “menos espiritual” diante do Senhor (Dt 23.22). O que a Lei condenava era o descaso quanto ao cumprimento do voto feito, ou seja, a demora em cumprir aquilo que havia sido prometido (Dt. 23.21; Ec 5.4). Nesse sentido, o melhor seria não realizar voto algum.

O Senhor também rejeitava os votos que eram pagos com o salário da prostituição ou o preço da sodomia, pois ambos eram abomináveis ao Senhor (Dt 23.18). Além do mais, Deus recusava o sacrifício humano e ordenou que as nações pagãs que praticavam essa aberração fossem exterminadas (cf. Lv 20.2; Dt 12.29-31; 18.9-14).

O problema com o voto de Jefté era que além de desnecessário ele incluía o sacrifício humano, ou seja, “quem primeiro da porta” da casa lhe saísse ao encontro (v. 31).

O caso do voto de Jefté tem sido objeto de estudo, de intensa investigação, de perturbação para alguns e até de inspiração artística para muitos. Em seu livro sobre o assunto, David Marcus observou:

A história de Jefté e o seu voto têm atraído não apenas a atenção de muitas gerações de acadêmicos bíblicos, mas tem também cativado a imaginação de artistas criativos desde os tempos antigos até os mais modernos. Ela tem servido de inspiração para a composição de dramas, poesias, novelas, cânticos, cantatas, oratórios e óperas.¹

Até mesmo o famoso músico George Frederick Handel compôs o oratório musical intitulado *Jefhte*.²

Talvez uma das razões pelas quais a história de Jefté desperte tanta atenção seja o fato de ela apelar tanto às emoções dos leitores. Afinal, a compaixão do destino da filha de Jefté, bem como a tristeza dos pais da jovem não apenas intrigam, mas

¹ MARCUS, David. *Jephthah and his vow*. Lubbock, TX: Texas Tech Press, 1986, p. 7.

² SYPHERD, Wilbur Owen. *Jephthah and his daughter: A study in comparative literature*. Newark: University of Delaware, 1948, p. 112.

motivam desejar um final diferente para a história com sabor amargo. Além do mais, a ausência de detalhes sobre o cumprimento do voto de Jefté tem intrigado a muitos que procuram apresentar um final mais ameno ao caso.

A partir da Idade Média, algumas obras artísticas passaram a defender que o sacrifício da filha de Jefté ocorreu apenas metaforicamente, ou seja, ela não foi morta, mas permaneceu virgem pelo restante de sua vida, dedicando-se assim ao trabalho no templo do Senhor. Essa interpretação influenciou alguns comentários exegetas por meio de algumas obras judaicas, que enfatizaram o fato de a filha de Jefté ter permanecido virgem ser o maior sacrifício para ela e a posteridade de sua casa.³

Outros exegetas contemporâneos têm defendido semelhante interpretação estando convictos que uma vida dedicada ao serviço e celibato seria o maior sacrifício para a filha de Jefté e sua família, pois ela era filha única e seu pai não teria descendente algum.⁴ Todavia, Arthur E. Cundall julga essas interpretações como “tentativas bem-intencionadas, mas erradas, para suavizar o significado claro do texto”.⁵

A despeito do esforço de alguns no sentido de produzir uma interpretação mais amena para a história do voto de Jefté, o texto bíblico não oferece apoio sólido para essa iniciativa. Por essa razão, a maioria dos exegetas tem preferido uma interpretação literal, ou seja, que ao fim de dois meses chorando sua virgindade, a filha de Jefté retornou ao seu pai que cumpriu o voto de oferecê-la em sacrifício (v. 39).

A interpretação de alguns judeus da antiguidade defende o cumprimento literal do voto de Jefté.⁶ Também, alguns cristãos dos primeiros séculos, como Orígenes e Crisóstomo, corroboram essa interpretação.⁷ Mais recentemente, vários comentaristas têm sido unânimes em recusar a perspectiva reconstrucionista que defende um final mais ameno para a tragédia de Jefté.⁸

Afinal, se a filha de Jefté fosse apenas confinada à vida solitária, ela não necessitaria pedir ao pai dois meses para chorar sua virgindade, pois teria toda uma vida pela frente para fazê-lo. Nesse sentido, o comentário de D. Ralph Davis é extremamente oportuno, pois “os amonitas estavam chorando [pela derrota na batalha], mas os céus de Gileade estavam escuros, densamente escuros”.⁹ Toda aquela tristeza na casa de Jefté e entre o povo de Deus se deu por causa de um voto precipitado, desnecessário e estúpido.

O triunfo da graça na vida prática, Valdeci Santos, Editora Cultura Cristã

³ MARCUS, David. Jephthah and his vow. Lubbock, TX: Texas Tech Press, 1986, p. 8.

⁴ BARBER, Cyril J. Judges: A narrative of God's power. Neptune, NJ: Loizeaux Brothers, 1990, p. 150; MARCUS, David. Jephthah and his vow. Lubbock, TX: Texas Tech Press, 1986, p. 9-10; BUSH, George. Notes, critical and practical on the book of Judges. Chicago: Henry A. Sumner, 1881, p. 162-165; GOSLINGA, C. J. Joshua, Judges, Ruth. Bible Student's Commentary. Grand Rapids: Zondervan, 1986, p. 391-396.

⁵ CUNDALL, Arthur E. Juízes: Introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova e Mundo Cristão, 1986, p. 142.

⁶ WHISTON, William. The works of Flavius Josephus. Auburn e Buffalo: John E. Beardsley, 1857, p. 145. JAMES, M. R. The biblical antiquities of Philo. Londres: MacMillan, 1917, p. 194.

⁷ MANZIES, Allan. (Org.) Origen's commentary on John. Grand Rapids: Eerdmans, 1951, p. 377. SCHAFF, Philip. (Org.) Saint Chrysostom. Grand Rapids: Eerdmans, 1956, p. 434.

⁸ HAMLIN, John E. At risk in the promise land: A commentary on the book of Judges. Grand Rapids: Eerdmans, 1990, p. 117-119. CUNDALL, Arthur E. Juízes: Introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova e Mundo Cristão, 1986, p. 142. DAVIS, D. Ralph. Such a great salvation. Grand Rapids: Baker, 1990, p. 148-149.

⁹ DAVIS, D. Ralph. Such a great salvation. Grand Rapids: Baker, 1990, p. 149.

Quando o forte é fraco

As fragilidades de Sansão

PESQUISANDO O TEXTO

Grupo 1

1. O que Sansão encontrou em Timna? (cf. Jz 14.1-2)
2. Qual foi a reação dos pais de Sansão ao seu pedido? (cf. Jz 14.2-3)
3. O que havia de errado no desejo e pedido de Sansão? (cf. Dt 7.3-4; 2Co 6.14-7.1)
4. De que modo a pressa e o imediatismo pode ser uma cilada para os adolescentes de hoje?

